

WITTER, Geraldina Porto

Weintraub e o Summary: 30 anos de serviço bibliográfico, 72 anos de base bibliográfica

O ano de 1997 constitui um marco relevante para a área de Informação sobre Literatura. Com o lançamento do **Annual Summary of Investigations Relating to Reading** (Weintraub, 1997) completa-se uma série de 30 anos de esforços realizados sob a liderança e coordenação de Sam Weintraub para desenvolvimento e manutenção da principal base de dados bibliográficos sobre pesquisas enfocando as várias áreas e sub-áreas da leitura.

Como lembra Farr (1997), docentes, alunos, pesquisadores são todos devedores de Weintraub e seus colaboradores.

A base de dados foi iniciada há 72 anos, por William S. Gray e Helen Robinson, aparecendo como parte do **Reading Research Quarterly**. Em 1968, Weintraub passou a substituir Gray e Robinson na tarefa, estando responsável pela publicação da base desde 1977, ou seja, há 30 anos. O trabalho desenvolveu-se de tal forma que o **Summary** ou **ASIRR**, expressões pelas quais o anuário é freqüentemente referido na literatura, passou a ser uma publicação à parte, também mantida pela International Reading Association, com sede em Newark, no estado de Delaware

(USA). É cadastrado como periódico (ISSN 0197-5129) e livro (ISBN 0-87207-244-4).

A base de dados compreende seis grandes áreas ou campos com sub-áreas ou sub-campos. As grandes áreas são: Pesquisas de metaciência sobre leitura; Formação e atuação do professor de leitura; Sociologia da leitura; Fisiologia e Psicologia da leitura; Ensino da Leitura e Leitura dos leitores atípicos. Só são inseridas na base referências de trabalhos relativos a pesquisas, trabalhos teóricos não são incluídos.

Hoje está sob a forma de CD-ROM e em papel, devendo integrar o acesso de bibliotecas que atendem a cursos, a pesquisadores e a profissionais que trabalham com leitura sejam eles psicólogos, pedagogos, sociólogos, neurologistas, linguístas, fonoaudiólogos, bibliotecários, entre outros.

#### REFERÊNCIAS

- Farr, R. Foreward. In S. Weintraub **Annual Summary of Investigations relating to reading** (1995/1996). Newark: IRA. 1997.
- Weintraub, S. **Annual Summary of Investigations relating to reading** (1995/1997). Newark: IRA. 1997.

**KRESS, G. (1997).** Before writing - rethinking the paths to literacy. **London: Routledge, xii + 175p.**  
ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA COMUNICAÇÃO

Kress é um estudioso da comunicação, da imagem. Leciona inglês e educação na University of London, estando interessado também na aquisição da leitura e da escrita, para cujo estudo pretende trazer um novo olhar, o da comunicação, com o presente livro. A obra apresenta, além do sumário, listas de figuras e pranchas, um prefácio (escrito pelo próprio autor), índice de autores e conteúdo, facilitando a consulta.

No Prefácio procura situar a problemática da educação e da alfabetização num contexto que está passando por rápidas mudanças e no qual há o compromisso de preparar jovens e crianças para o que irão encontrar daqui a 20 ou 30 anos. Todavia lembra que para a criança persistirá o problema de dominar o mundo impresso. O livro foi escrito para qualquer pessoa interessada em alfabetização, como uma forma de repensar a questão.

Num dos últimos capítulos retoma o uso das palavras usadas para representar a aquisição da leitura e da escrita. Só o inglês tem **literacy**, as línguas românicas usam **alfabetização**. O francês e outras línguas têm termos próximos como **letre**, mas para indicar o produto constituído por letras (texto escrito). Em português do Brasil, lembra o Autor, criou-se **letramento** e em alemão **literarität** para indicar as versões de escrita. Pessoalmente, embora na língua inglesa **literacy** implique usualmente no processo de aquisição de leitura e escrita, no seu livro o vocábulo passa a indicar representação por **letras ou representação escrita**, para os produtos e seus usos. Assim sendo, nesta resenha, mantendo-se a posição do Autor resenhado deve-se entender alfabetização neste sentido de representação da escrita.

Os principais pontos que o Autor procura tratar no livro são: "(a) não podemos entender como a criança encontra sua forma de escrita se

não entendemos os princípios pelos quais ela atribui significado" (p. xvii); (b) ela o faz de muitas formas; (c) as diferentes formas pedem engajamentos diferentes com o mundo; (d) os sentidos têm relações específicas com o pensamento; (e) inconscientemente passa-se de um para outro meio (sinestesia) e (f) "em um novo mundo econômico e de comunicação, pode-se dizer que tudo isto será um conjunto de requisitos essenciais para seres humanamente produtivos do prisma cultural, social e econômico, para terem vidas plenas" (xviii).

O livro é constituído por oito capítulos, de leitura agradável, em que apresenta uma concepção pouco difundida no exterior e muito menos no Brasil, ou seja, a alfabetização ou letramento do prisma da teoria da comunicação.

O primeiro capítulo enfoca a alfabetização no contexto contemporâneo, em que a informação chega às pessoas sob várias formas, são em volume crescente e requerem habilidades diversas para serem assimiladas e produzidas. Esta situação precisa ser considerada no repensar a alfabetização, a qual tem sido vista do prisma da lingüística, da história, da antropologia, da educação etc. mas precisa ser enfocada como meio de comunicação, pelo qual a criança expressa seus símbolos, desejos, emoções, isto é, constrói significados. Uma teoria semiótica da representação pode contribuir para rever a alfabetização.

No Capítulo 2 enfoca a construção de significado recorrendo a vários meios (desenho, brinquedo, escrita), considerando também a relação real-imaginário, retomando a relevância da sinestesia ou expressão de várias formas.

No capítulo seguinte retoma algumas idéias comuns e em debate sobre a leitura, sem grandes

contribuições, mas buscando inserir sua proposta de estudo nestes confrontos teóricos.

Segue-se uma descrição dos primeiros envolvimento da criança com o impresso, com as letras como um complexo sistema de sinais: a criança desenha o impresso de acordo com sua perspectiva do mundo impresso. Continua no capítulo seguinte expondo uma teoria de como a criança constrói o significado, sendo fundamental sua motivação, relevante a habilidade de transformação e para apresentação de várias formas até chegar à leitura. Neste quadro interlaçam-se imaginação, cognição e afeto.

A alfabetização e as teorias de linguagem é a temática do Capítulo 6, mas apenas a teoria chomskyana é de fato enfocada com destaque para suas limitações. No capítulo seguinte, o ensino-aprendizagem da alfabetização (no conceito assumido pelo Autor) é objeto de consideração, com análise do currículo de alfabetização.

O último capítulo enfoca o Futuro. Composto por considerações e proposições do que irá ocorrer com possível impacto crescente da vida social sobre o currículo. O currículo precisa claramente voltar-se para o futuro, para a sociedade em que a criança vai viver, uma sociedade cada vez mais visual, os textos também serão cada vez mais visuais (CD-ROM, Hipertexto, Internet). Novas habilidades precisam ser desenvolvidas, novas metas propostas. Propostas mais específicas e objetivas

o leitor não vai encontrar, mas certamente o Autor abre caminho para repensar o currículo.

Os capítulos são ilustrados com exemplos de trabalhos feitos por crianças, bem aproveitados e interpretados de acordo com o referencial proposto pelo Autor.

Ciente de que sua proposição é nova, acrescenta as fontes e contextos em que o livro foi escrito, com as influências recebidas, sob a forma de um fecho para seu trabalho. É quase uma auto-análise do produto e das influências recebidas.

A Bibliografia referida é pobre e predominantemente antiga (mesmo para comunicação), assim o Autor ignorou muito da produção, mesmo em termos de comunicação. Sua base são livros e a pesquisa viva e expressa nos periódicos não teve espaço em suas considerações. Mas retoma alguns clássicos como Barthes, Bruner, Chomsky, Halliday, Piaget, Peirce, Saussure e Vygotsky, mais para indicar-lhes as limitações do que para assimilá-los em sua leitura da alfabetização ou descrever como e em que contribuíram para o conhecimento da área.

O livro merece ser lido e discutido pelos que trabalham com as questões envolvendo a aquisição da leitura-escrita, o currículo subjacente e explícito em que o processo de ensino-aprendizagem ocorre.

**Geraldina Porto Witter**  
**PUC-Campinas**

## CLUBE DO LIVRO

McMahon, S.I.; Raphael, T.E.; Goatley, V.J. & Pardo, L.S. (1997). **The book club connection: literacy learning and classroom talk**: New York: Teachers College Press, xvi + 352.

As autoras são conhecidas por sua produção sobre leitura dentro do enfoque sociocultural que procuram fundir com outras contribuições no estudo da leitura. O livro abre-se com apresentação muito breve assinada por Cullinan que apenas cumprimenta as autoras pela obra.

O prefácio foi elaborado pelas duas primeiras e principais autoras do livro, no qual apresentam os pressupostos adotados: aquisição e desenvolvimento da alfabetização se fazem integradamente com linguagem oral e escrita; devem apoiar-se em materiais autênticos, relacionados com atividades reais; "a leitura é um processo social" (p. xii); devem envolver ativamente o aluno na construção de significados; implicam em atividades para conhecer os outros e deve haver interação com a literatura. O livro resulta de vivências e pesquisas realizadas ao longo de seis anos, sendo que no 1º ano McMahon e Raphael definiram a estrutura de referência incluindo contextos para instrução: comunidade básica (a classe); leitura só, com pares, em pequenos grupos; escrita como apoio à leitura e a discussão, escrita informal e formal e clube do livro composto de pequenos grupos como centro do programa.

Os 15 capítulos estão organizados em três sessões, a primeira diz respeito aos fundamentos e componentes do Programa Clube do Livro; a Segunda apresenta a pesquisa sobre o programa e, a última, os professores como pesquisadores no programa. Após a apresentação dos cinco primeiros capítulos que compreendem a 1ª Parte há um comentário (Wells). Nas partes seguintes, a cada capítulo segue-se um comentário.

O primeiro capítulo é assinado por McMahon e Raphael e apresenta as bases teóricas do Programa Clube do Livro, este como os demais

recorre a diálogos dos e com os alunos como exemplos. Os fundamentos usados recorrem a Vygotsky, ao construtivismo social, a análise de respostas (relação leitor-texto), aos estudos de comunidade-verbalização e ao planejamento curricular. Embora parcialmente estabelecido já há um esforço de unificação ou de trans-teorização. Também são ignorados os modernos desenvolvimentos da neuropsicologia e da sociolinguística.

O capítulo seguinte (Raphael & Goatley) caracteriza as salas de aula como comunidades que refletem aspectos da macro-sociedade. São relevantes os conceitos de apropriação - transformação, publicação e conservação. São apresentados os propósitos a serem alcançados nas discussões de grupo.

McMahon enfoca a leitura no Programa Clube do Livro abrangente para enfocar uma variedade de textos, mas com cuidado para atender a necessidades pessoais, para formar uma comunidade de leitores. Isto implica em elaborar um currículo de leitura: seleção, criação de oportunidades de leitura; fornecimento de material para todos, integração leitura-escrita, entre outros aspectos. O programa procura motivar e facilitar o preparo das crianças para participarem em uma comunidade letrada.

No Capítulo 4 (Raphael & Boyd) é apresentado o Clube como base para a relação leitura-escrita, descrevendo o referencial conceitual e práticas para desenvolver o processo, incluindo a escrita no currículo, com destaque para as respostas pessoais, criativas e críticas.

O capítulo seguinte é escrito por McMahon e enfoca o Clube como contexto para os alunos conduzirem suas próprias discussões em grupos de

vários tipos. Apresenta o papel do docente como orientador, aproveitando os pontos fortes e fracos dos grupos, recorrendo a princípios e procedimentos tais como: instruções explícitas, modelação e modelagem, análises etc. A tendência é usar estratégias e princípios originários de enfoques diversos.

Wells ao comentar os textos anteriores procura descrever como conciliar convenção com invenção, aponta a literatura como material para trabalhar no Clube. A base teórica busca em Vygotsky, Halliday, Bakhtin. Outras posições teóricas e fatos dados de pesquisa ficam ignorados. Assim, o comentário acabou sendo apenas uma síntese dos textos anteriores.

A Segunda parte começa com um capítulo redigido por Goatley enfocando o uso de textos na educação especial. Muitas formas podem ser usadas para atender a pessoas que precisam de serviços especiais para serem alfabetizadas e se tornarem leitores e o Clube do Livro também pode ser instituído para esta clientela, incluindo a leitura de boa literatura, a discussão de textos literários e a expressão pessoal. Os comentários são feitos por Englert, a qual retoma os aspectos que viabilizam o êxito: apoio mútuo dos membros, liderança de apoio, acesso a experiências variadas, apoio da comunidade, objetiva o desenvolvimento da independência e são valorizados os talentos de cada membro.

Brock enfoca como usar o Clube do Livro com alunos que estão aprendendo uma segunda língua, aproveitando-o para dar significado à língua que está sendo aprendida, resumindo pesquisas em que o Clube foi usado nestes casos. Analisa as implicações para o ensino e a pesquisa. Desta feita, os comentários são assinados por Rueda que lembra serem muitos os estudos que mostram a viabilidade de uso deste tipo de clube para atingir estes estudantes, apontando aspectos relevantes para que tenham êxito.

O Capítulo 8 enfoca este tipo de atividade voltado para atender a grupos de adolescentes, justificando a realização de projetos neste sentido e descrevendo a realização de um projeto envolvendo várias faixas etárias. Alvernann é a

responsável pelos comentários sendo demasiado breve e sem abranger todo o texto ou ir além do mesmo.

Biseli e Raphael tratam da pesquisa de avaliação dos Clubes do Livro, lembrando que, desde o surgimento deles como recurso de ensino, sempre houve preocupação com a avaliação. Nos anos noventa, a preocupação passou a ser com os padrões de avaliação a serem observados na pesquisa de avaliação. Também leva em consideração a perspectiva teórica e o referencial conceitual. Instrumentos são objeto de consideração, dá também atenção aos critérios de desempenho e às guias de orientação. Hiebert comenta a relevância de tornar o docente um pesquisador, integrando avaliação e prática pelo esclarecimento dos objetivos da prática, identificação dos eventos de leitura em relação a estes objetivos e resumindo os programas dos estudantes em relação aos objetivos críticos.

O décimo capítulo é escrito por três alunos que participaram da vivência de Clube do Livro (Vance, Ross e Davis) sendo que na introdução Brock apresenta seus três alunos-colaboradores que por dois anos (4ª e 5ª séries) vivenciaram o clube. Segue-se a elaboração do texto pelos alunos que se preocuparam em definir Clube do Livro, começando por conceituar a leitura, a escrita e o falar em pequenos grupos. Seguem seus comentários sobre o que significou participar desta experiência. Pearson faz os comentários destacando o quanto alunos, professores e docentes aprenderam, a conscientização dos alunos quanto às conseqüências sociais e cognitivas das práticas acadêmicas e quanto aprendem nos livros que lêem.

A terceira parte do livro enfoca os professores enquanto pesquisadores no Programa Clube do Livro. No Capítulo 11, Pardo relata sua vivência com a professora Woodman no desenvolvimento do clube, tornando seu ensino reflexivo, implicando em aprender a fazer perguntas, a tomar decisões, a buscar meios de ensino e saber como a docente pretende continuar seu trabalho. Strickland é a comentarista fazendo considerações genéricas sobre as informações apresentadas pela docente, porém sem acréscimos, sugestões ou críticas relevantes.

Scherer é docente de uma classe de 3o ano onde introduziu um Clube do Livro, a qual relata sua vivência sobre o assunto com destaque para a leitura e a escrita de seus alunos. Galda comenta a narrativa de Scherer considerada boa professora, alerta para aproveitar os momentos especiais de ensino, não alongando a prática mais do que o necessário e viabilizando o desenvolvimento da independência nos alunos.

Grattan considera que o Clube do Livro é útil em todas as idades e relata como usou este recurso com alunos de 1º e 2º anos, prática que a atraiu e acabou levando-a a ser uma das pessoas que se incorporou ao Teacher Research Inquiry Group. Relata a seguir sua vivência com os alunos de 1º ano recorrendo a prática de discussão. Introduziu mudanças de modo a atender às necessidades de seus jovens alunos. Descreve o esquema utilizado. Por exemplo, as atividades com jornais e revistas implicavam em encontrar letras, palavras e conteúdos de interesse, ocorrendo sem um esquema temporal pré determinado. Leitura em coro de poemas, cânticos etc, seguida de análise das palavras e da correspondência com letras era feita diariamente. Na segunda e terceira séries o destaque dado foi para o uso da literatura, leitura independente e em pequenos grupos e atividades lúdicas com a leitura. Taylor foi encarregada de comentar o capítulo, enfoca a importância do uso da literatura, os textos escolhidos, a evolução do processo e os benefícios sociais observados pela professora, ou seja, o aprender dentro de um contexto social.

No Capítulo 14, Highfield e Folker discutem o clube tendo por enfoque as áreas de conteúdo, fazendo a relação entre o aprendido na escola e o contexto de vida dos alunos. O trabalho dos autores diz respeito a uma vivência envolvendo os estudos sociais. O primeiro passo é obter uma relação cooperativa, o segundo, é fazer com que sintam o clube como uma prática deles próprios. Destacam aspectos a considerar para se obter a interdisciplinaridade no clube: estreitar o foco, destacar e avaliar a pesquisa, transferência de vivências, desenvolvimento de habilidades de

pesquisa (uso da biblioteca, fazer resumo, uso de várias fontes), estabelecimento da relação entre textos para criar a intertextualidade. Coube a Wixson comentar o relato, a qual destaca a relevância da qualidade de integração conseguida.

Folkert e Bean discutem a integração da instrução e monitoria, usando "portfolio" dentro do Clube do Livro como um recurso de avaliação. Relata como se tornaram cientes da relevância da avaliação. O planejamento inclui atividades de leitura (antes, durante e após o contato com o texto). As ferramentas de avaliação incluíram: pensar em voz alta; observação, notas anedóticas, atitudes, entrevistas, registros frequentes. Oferecem exemplos de fichas úteis para serem usadas por professores e pesquisadores. Trata-se de contribuição mais sistematizada e elaborada que as demais. Desta feita, é Au quem faz o breve comentário elogiando os avanços observados.

As contribuições dos docentes-pesquisadores são de fato reflexões sobre suas práticas educacionais, enriquecidas com suas observações assistemáticas e dados de classe. Decepcionam quem espera vê-los realmente como autores relatando pesquisas, mas são interessantes para ver o Clube da ótica do professor. Todos são adeptos fervorosos da utilização do Clube do Livro, o que pode ter comprometido suas percepções e impressões relativas ao êxito obtido.

As referências bibliográficas são aglutinadas todas no final do livro e ficariam melhor vindo distribuídas após cada capítulo a que se referem. Como estão, dão uma impressão distorcida do apoio bibliográfico utilizado. Entretanto embora incluam textos dos anos setenta e oitenta é bastante representativa a produção veiculada nos anos 90 e há um equilíbrio entre livros e artigos de periódicos.

É texto útil a quantos trabalham com a leitura ou se ocupam com o preparo e a formação de psicólogos escolares, pedagogos docentes e outros profissionais que militam na área educacional.

Geraldina Porto Witter  
PUC-Campinas